

LITERATURA ÀS MARGENS: FORMAS LITERÁRIAS NÃO CANÔNICAS

Os escreveres de Clarice Lispector: um estudo de crônicas metalinguísticas

Mariana Borrasca Ferreira

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira

FFLCH-USP

E-mail: mariana.borrasca.ferreira@usp.br

As crônicas de Clarice Lispector publicadas no *Jornal do Brasil* entre os anos de 1967 e 1973, não raro, trazem reflexões sobre o ato da escrita, sendo de grande relevância para o estudo da metalinguagem na produção da autora. A leitura atenta deste conjunto de textos revela que, em muitos momentos, a voz narrativa clariciana faz uma distinção entre dois escreveres: o escrever para jornal e o escrever livros. O tema aparece, por exemplo, em “Escrever”, crônica publicada originalmente em 14 de setembro de 1968, em que, ao elaborar uma reflexão sobre a fatura da escrita, faz-se a ressalva de que o que está sendo desenvolvido se refere ao escrever aquilo que se transformará em livro e “não muito” ao escrever para jornal. O assunto também está presente em “Ser cronista”, de 22 de junho do mesmo ano, e em “Escrever para jornal e escrever livro”, de 29 de julho de 1972, entre outras crônicas. Destaca-se, em tais textos, o tipo de relação estabelecida entre autor e leitor em cada forma do escrever e a preferência da voz narrativa pela escrita de livros: “Não há dúvida, porém, de que eu valorizo muito mais o que escrevo em livros do que o que escrevo para jornais - isso sem, no entanto, deixar de escrever com gosto para o leitor de jornal e sem deixar de amá-lo” (*A descoberta do mundo*, 1999, p. 421), afirma a voz narrativa na crônica de 1972. A comunicação que aqui se propõe visa entender, a partir da análise temático-estilística dos textos citados, quais seriam as características que distinguem esses dois escreveres na obra clariciana, problematizando a aproximação, recorrentemente feita, entre a voz narrativa e a figura da autora nos estudos referentes às crônicas metalinguísticas.